Tanto calor entre nós

A proximidade não precisa esperar por outra vida



Laura Bellini

Tanto calor entre nós

A proximidade não precisa esperar por outra vida

Laura Bellini

ROMANS

ISBN: 9788384906019

ALL-IN Rafał Płonkowski



ÍNDICE

INTRO 4
Capítulo 1 - O Primeiro Calor 11
Capítulo 2 - Entre o que é Nosso 22
Capítulo 3 - As Coisas que Não se Veem..... 36
Capítulo 4 - Além do Horário de Trabalho..... 47
Capítulo 5 - O Direito de Seguir o Próprio Ritmo 62
Capítulo 6 - Quando Paramos de Fingir 70
Capítulo 7 - Aquilo que Não Dizemos.....81
Capítulo 8 - O Mundo Dele, o Meu Lugar 93
Capítulo 9 - O Risco que Assumimos Juntos 107
Capítulo 10 - Não Apenas Amizade 123
Capítulo 11 - Um Lugar Lado a Lado 137
Capítulo 12 - As Palavras que Tememos 148
Capítulo 13 - O Preço das Próprias Escolhas 159
Capítulo 14 - A Verdade que Não Pode Ser Dividida.....171
Capítulo 15 - Quando os Outros Começam a Olhar.....182
Capítulo 16 - O Limite que Dói 193
Capítulo 17 - O Que Precisamos Fazer Sozinhos 204
Capítulo 18 - O Primeiro Passo de Volta.....214
Capítulo 19 - Escolho Você, Sem Ressalvas..... 226
Capítulo 20 - Tanto Calor Entre Nós 237

INTRO

O ateliê tinha cheiro de argila úmida, café e madeira, que havia anos me servia de prateleiras. Eu gostava especialmente daquele aroma ao anoitecer, quando o mundo lá fora ficava silencioso e eu finalmente podia deixar de corresponder às expectativas dos outros. Ficava sozinha com minhas peças, minhas ideias inacabadas e um silêncio que nunca me pareceu constrangedor. Naquela noite, porém, eu tinha um plano bem definido. Até segunda-feira, precisava preparar as fotografias de doze trabalhos para uma pequena galeria em Toruń. A proprietária havia demonstrado interesse pela minha nova coleção e me pedira uma proposta de exposição. Eu não pretendia desperdiçar aquela oportunidade só porque os últimos meses tinham sido dedicados aos preparativos para colocar meu novo forno em funcionamento.

Sobre a mesa havia um caderno com as medidas, uma câmera fotográfica e uma lista das peças que pretendia apresentar. Elas não eram perfeitas. Uma das tigelas tinha a borda irregular, outra conservava uma marca de dedo na superfície, e três pequenos vasos apresentavam diferenças na tonalidade do esmalte. Era justamente por isso que eu gostava delas. Não queria criar objetos que parecessem ter saído de um catálogo. Interessavam-me peças com personalidade própria, mesmo que, às vezes, isso significasse aceitar suas imperfeições. Eu tinha cinquenta e sete anos e experiência suficiente para saber que já não precisava provar a ninguém que era capaz de trabalhar. Ainda assim, queria conquistar alguma coisa. Não por hábito, nem para preencher o tempo livre. Por mim mesma.

Coloquei uma das tigelas no centro da mesa e me afastei um passo. A luz do abajur realçava o tom quente e arenoso do esmalte. Tirei uma fotografia, conferi o enquadramento e fiz uma careta. O fundo estava escuro demais. Ajustei a posição da luminária, movi a tigela e voltei a pegar a câmera. Foi então que ouvi um carro parar em frente ao ateliê.

Não precisei olhar pela janela para saber quem era.

Mieczysław Lis tinha uma maneira muito particular de fechar a porta do carro. Nunca batia com força, mas também não a deixava entreaberta. Pouco depois, ouvi seus passos na trilha de pedras e, em seguida, duas batidinhas na porta.

— Pode entrar! — gritei, sem tirar os olhos da câmera.

Ele entrou carregando uma caixa de papelão debaixo do braço. Usava um suéter escuro e uma jaqueta, que aparentemente só havia tirado pouco antes de entrar. Os cabelos grisalhos estavam um pouco desalinhados, como sempre acontecia depois de um dia inteiro entre a poeira e os resíduos da oficina. Tinha sessenta e um anos, mas se movimentava com a energia de alguém que ainda encontrava mais motivos para agir do que para descansar.

— Vejo que você está trabalhando até tarde outra vez.

— Vejo que você continua contando minhas horas.

— Alguém precisa garantir que você se lembre de fazer pausas.

— Tenho cinquenta e sete anos, Mieczysław. Passei a maior parte deles conseguindo me virar muito bem.

Ele sorriu e colocou a caixa em um espaço livre da mesa.

— Não duvido. Mas, durante boa parte desse tempo, você também não tinha tanta bagunça espalhada pela mesa.

Olhei para ele com uma indignação fingida. Ele me conhecia bem demais para se impressionar com minha expressão. Nossa amizade já durava muitos anos. Lembrava-se do meu primeiro ateliê, das primeiras queimas malsucedidas e da época em que eu acreditava que bastava pressionar a argila com força suficiente para fazê-la obedecer. Eu conhecia sua paciência, sua teimosia e sua tendência a consertar coisas que, na opinião dos outros, nem precisavam de reparos. Ele projetava fornos cerâmicos e conseguia falar sobre temperatura, isolamento e curvas de queima com a mesma paixão com que outras pessoas falavam de viagens.

— O que você trouxe? — perguntei.

— A peça que você pediu. Aquela do controlador. Não quis deixá-la na porta, porque alguém poderia pensar que era uma peça de reposição para máquina de lavar.

Abriu a caixa e me mostrou um pequeno componente metálico. Examinei-o e assenti.

— Obrigada. Vai ser útil.

— E as fotografias?

— Como você pode ver, estou trabalhando nisso.

Ele se aproximou da mesa. Não tocou em nenhuma das peças, embora eu soubesse que tinha vontade de examiná-las de perto. Sempre perguntava antes de pegar qualquer um dos meus objetos de cerâmica. Aquele pequeno gesto dizia mais sobre ele do que muitas declarações grandiosas. Podia ser teimoso, às vezes até irritantemente convencido de suas próprias opiniões, mas nunca tratava meu trabalho como algo que pudesse ser deslocado de qualquer jeito.

— Essa é a nova coleção? — perguntou.

— Sim. Gostaria de apresentá-la em uma galeria em Toruń.

— Gostaria ou já está decidida a apresentá-la?

— Não comece.

— Só estou perguntando se você já enviou a proposta.

— Ainda não. Preciso tirar as fotografias, preparar a descrição e decidir quais peças combinam melhor entre si.

Ele observou a tigela que estava mais perto dele.

— Esta deveria ser a primeira.

— Por quê?

— Porque não tenta fingir ser algo que não é.

Aquela frase me surpreendeu. Olhei para ele com mais atenção, mas seu rosto não revelava se havia dito aquilo por acaso ou se queria me transmitir alguma coisa. Mieczysław raramente falava diretamente sobre assuntos pessoais. Em compensação, era capaz de dizer uma única frase e alcançar um lugar que outras pessoas evitavam durante anos.

— Está começando a entender de cerâmica? — perguntei.

— Não exagere. Depois de tantos anos, pelo menos sei quando não devo fingir que sou especialista.

Ri baixinho. Gostava do senso de humor dele, especialmente quando não tentava fazer ninguém rir à força. Na presença dele, eu não precisava medir cada palavra. Também não precisava explicar por que, às vezes, preferia ficar no ateliê até tarde em vez de voltar para casa e ligar a televisão. Ele entendia meu apego ao trabalho, embora tivesse uma maneira completamente diferente de organizar a própria vida.

— Quero enviar tudo na segunda-feira — falei. — Depois vou cuidar dos meus próprios assuntos. Uma coisa é o forno, outra é deixar minha vida girar inteira em torno dele.

— E você está certa.

— Pensei que fosse tentar me convencer a fazer mais alguns testes.

— Não preciso convencer você de nada. Basta que saiba o que quer.

Virei-me para a mesa para esconder meu sorriso. Havia algo perigosamente agradável na facilidade com que ele sabia me dar espaço. Não se impunha, não me corrigia sem perguntar, não tentava assumir a responsabilidade pelas minhas decisões. Às vezes, tinha a impressão de que era justamente por isso que eu gostava tanto de deixá-lo fazer parte da minha rotina.

Meu telefone vibrou no parapeito da janela. Na tela apareceu uma mensagem da proprietária da galeria, pedindo a confirmação do prazo. Respondi brevemente que enviaria o material na segunda-feira e deixei o aparelho de lado. Mieczysław olhou para mim com aprovação.

— Então o plano está definido.

— O plano estava definido desde o começo.

— Eu sei. Só que, às vezes, você se esquece de que também pode mudá-lo.

— E você, às vezes, se esquece de que nem tudo precisa passar pelo seu projeto.

Dessa vez, foi ele quem caiu na risada. Depois pegou a caixa, como se já estivesse prestes a ir embora, mas parou junto à porta.

— Amanhã venho mais cedo. Precisamos acertar algumas coisas antes de ligar o forno.

— Eu sei.

— E não trabalhe até de madrugada.

— Não prometo.

— Era exatamente o que eu esperava ouvir.

Ele permaneceu ali por mais alguns instantes, como se quisesse dizer alguma coisa. Não perguntei. Às vezes, entre nós surgiam momentos assim, em que uma conversa banal de repente parecia pequena demais para algo que ambos sentíamos, embora nenhum dos dois tentasse dar um nome àquilo. Então bastava um olhar, um sorriso discreto ou uma mudança de assunto. Ao longo dos anos, tínhamos aprendido a contornar esses momentos com a habilidade de pessoas que não queriam destruir algo que era importante para elas.

Quando finalmente saiu, fiquei imóvel por alguns instantes, ouvindo o carro se afastar. Depois voltei às fotografias. Ajustei a luminária, posicionei a tigela e olhei para a tela da câmera. O enquadramento estava bom, mas, pela primeira vez naquela noite, não conseguia me concentrar exclusivamente no meu trabalho.

Sobre a mesa estava a lista de tarefas, na caixa aguardava o componente do controlador e, na segunda-feira, eu enviaria a proposta da exposição. Tudo estava em seu devido lugar. Ainda assim, a presença dele havia deixado em mim uma inquietação que eu não conseguia associar a nenhum problema profissional.

Durante anos, acostumei-me a ter Mieczysław por perto. A saber que poderia telefonar quando alguma coisa não funcionasse, pedir um conselho ou simplesmente contar

algo que me deixara feliz. Nunca me perguntava se gostaria de ter algo mais com ele. Ou talvez fosse justamente por nunca ter feito essa pergunta a mim mesma que nossa amizade continuava tão confortável.

Apaguei a luminária sobre a mesa e olhei mais uma vez para a porta por onde ele havia desaparecido. No dia seguinte, colocaríamos o novo forno em funcionamento juntos. Sabia que ele insistiria em suas próprias soluções e que eu defenderia as minhas. Também sabia que encontraríamos uma maneira de trabalhar lado a lado.

Só não sabia se seria capaz de permitir que ele permanecesse na minha vida também quando deixássemos de ter um motivo profissional para nos encontrar. E se algum dia ele teria coragem de me pedir isso.

Capítulo 1 - O Primeiro Calor

Acordei mais cedo do que pretendia. Do lado de fora, a manhã ainda estava cinzenta, e uma fina camada de umidade havia se acumulado no vidro da janela. Fiquei deitada por alguns instantes, imóvel, escutando os sons da casa. Não tinha motivo algum para me apressar, mas a ideia do novo forno não me deixava voltar a dormir. Naquele dia aconteceria a primeira queima de teste de verdade. Eu vinha me preparando para aquele momento havia semanas, economizando dinheiro, escolhendo materiais e consultando diferentes soluções com um homem que entendia de fornos melhor do que qualquer outra pessoa que eu conhecera. Um homem cuja presença, ultimamente, começava a despertar em mim perguntas que não tinham absolutamente nada a ver com cerâmica.

Levantei-me, preparei um café e desci para o ateliê. Primeiro verifiquei a temperatura do ambiente, depois a ventilação e a disposição das prateleiras. Tudo estava pronto. Sobre a mesa estava meu caderno de anotações e, ao lado dele, algumas pequenas amostras de esmalte que eu havia preparado especialmente para os primeiros testes. Não pretendia colocar peças valiosas no forno novo, mas queria verificar como ele se comportaria com o material que eu mais utilizava. Não me interessava apenas saber se o equipamento conseguiria atingir determinada temperatura. Eu precisava descobrir se poderia confiar nele no meu trabalho cotidiano.

Mieczysław chegou alguns minutos depois das oito. Eu o vi pela janela enquanto retirava do carro uma pasta fina com

a documentação. Dessa vez, não bateu à porta. Sabia que eu já estava lá dentro, então simplesmente entrou.

— Bom dia, senhora chefe.

— Bom dia, senhor projetista. Você está quatro minutos atrasado.

— É porque encontrei pelo caminho um homem que achava que eu deveria conversar com ele sobre a chaminé de sua casa.

— Poderia ter dito que chaminés não são sua especialidade.

— Eu disse. Ele não acreditou.

Tirou a jaqueta e pendurou-a no cabideiro. Por um momento, observou o ateliê, como se estivesse avaliando não apenas a preparação do espaço de trabalho, mas também meu estado de espírito. Eu usava uma calça escura, uma camisa clara e um avental de trabalho. Havia prendido os cabelos de qualquer jeito para que não atrapalhassem durante o serviço. Mieczysław manteve os olhos no meu rosto um pouco mais do que exigia uma saudação comum, mas não fez nenhum comentário. Eu também não pretendia facilitar as coisas para ele.

— Está tudo preparado? — perguntou.

— Podemos começar.

— Primeiro gostaria de ver a documentação.

Soltei um suspiro teatral, mas entreguei a pasta. Ele a examinou cuidadosamente, conferindo cada identificação. Não fazia aquilo pelo simples prazer de controlar o trabalho alheio. Eu o conhecia havia tempo suficiente para saber que, quando alguma coisa precisava ser feita direito, ele não conseguia ignorar nenhum detalhe. Essa característica era

uma das razões pelas quais eu confiava nele. Também era responsável por algumas das nossas discussões mais persistentes.

— A instalação elétrica foi aprovada — falei. — A ventilação está funcionando. Ontem conferi novamente a vedação da porta.

— Eu sei. Conversei com o eletricista.

— É claro que conversou.

— Não vejo motivo para reclamações.

— Não estou reclamando. Só estou me perguntando se algum dia você vai parar de verificar tudo pelas minhas costas.

Ele ergueu os olhos dos documentos.

— Não verifico nada pelas suas costas. Verifico aquilo pelo qual sou responsável.

— E eu sou responsável pelo ateliê.

— Justamente por isso precisamos saber onde termina a responsabilidade de um e começa a do outro.

Não respondi imediatamente. A frase era sensata, mas soou como o anúncio de uma conversa que eu não queria ter antes da primeira partida do forno. Coloquei meu caderno sobre a mesa e me aproximei do equipamento.

Era maior do que o anterior e havia sido construído de acordo com minhas exigências, embora algumas soluções tivessem sido sugeridas pelo próprio Mieczysław. Eu teria mais espaço para peças maiores, a possibilidade de controlar a temperatura com maior precisão e uma configuração que me permitiria experimentar diferentes tipos de esmalte. Não se tratava de uma compra feita por impulso. Eu havia investido nele uma parte considerável das

minhas economias e passado muitos meses tomando aquela decisão. Acreditava que, graças a ele, meu ateliê deixaria de ser um lugar onde eu apenas reproduzia modelos já conhecidos. Queria desenvolver minha própria linguagem na cerâmica.

— Preparei algumas amostras — disse, mostrando-lhe as pequenas placas. — Quero colocá-las em três pontos da câmara.

— Hoje, não.

Olhei para ele.

— Como é?

— Hoje vamos fazer um teste do equipamento sem os seus esmaltes. Vamos verificar a distribuição da temperatura, o comportamento do controlador e a estabilidade do funcionamento. Não devemos misturar várias variáveis durante a primeira partida.

— Mas essas amostras não foram escolhidas ao acaso. Conheço a composição delas.

— Não estou questionando seu conhecimento sobre esmaltes.

— Então não entendo qual é o problema.

Mieczysław deixou a pasta de lado e se aproximou do forno. Agachou-se junto à parte inferior da estrutura, verificando a fixação de um dos componentes.

— Se os resultados não forem os esperados, precisamos saber se o problema está no equipamento, no controle ou no material. A primeira queima precisa nos dar um ponto de referência. Não quero que depois tenhamos de adivinhar por que alguma coisa se comportou de maneira diferente do que você esperava.

— E eu não quero passar as próximas semanas testando os próprios testes. Preciso de um forno para trabalhar, não para ficar admirando suas especificações.

— Eu sei por que você o encomendou.

— Sabe mesmo? Porque às vezes tenho a impressão de que você se preocupa mais em fazer tudo funcionar de acordo com seu projeto do que em fazer o equipamento funcionar para mim.

Ele se levantou devagar. Não parecia ofendido, mas sim alguém que acabara de ouvir uma acusação que exigia uma resposta honesta.

— Eu o projetei de acordo com as suas exigências. Não de acordo com minhas próprias ambições.

— Mas agora quer decidir como devo utilizá-lo.

— Quero decidir como vamos conduzir o primeiro teste com segurança. Depois, você poderá fazer com ele o que quiser.

— Desde que primeiro obtenha os resultados adequados?

— Desde que não finjamos que o equipamento está pronto só porque nós dois estamos ansiosos para realizar a primeira queima.

Aquela frase me atingiu mais do que deveria. Ele tinha razão, e eu não gostava de admitir isso quando falava naquele tom de alguém convencido de que conhecia a solução. Apoiei as mãos na bancada e observei por alguns instantes as amostras preparadas. Sabia quanto trabalho havia dedicado a elas. Cada uma estava identificada, descrita e preparada pensando em um efeito específico. Mas também não queria correr o risco de danificar o forno

novo apenas para provar que era capaz de tomar minhas próprias decisões.

— Está bem — disse finalmente. — Hoje faremos o teste técnico. Mas amanhã quero começar a trabalhar com os materiais.

— Se os resultados de hoje estiverem corretos, definiremos a próxima etapa.

— Você não disse que concorda.

— Eu disse que vamos definir. Não vou prometer algo que ainda não conheço.

— Você sabe que consegue ser insuportável?

— Há muito tempo.

Sorri, contrariada comigo mesma. Havia algo nele que, ao mesmo tempo, me irritava e me tranquilizava. Não tentava vencer uma discussão a qualquer custo. Quando estabelecia um limite, sabia justificá-lo. Quando estava errado, às vezes admitia, embora normalmente precisasse de alguns minutos para chegar à conclusão certa.

Começamos a trabalhar. Mieczysław verificava os diferentes componentes do sistema, enquanto eu preparava a câmara de acordo com o plano estabelecido. Posicionamos os sensores de medição e os elementos de controle. Ele não precisava me explicar os conceitos básicos, mas chamava minha atenção para detalhes que poderiam passar despercebidos até mesmo por alguém bastante experiente. Por outro lado, percebi que uma das prateleiras não deveria ficar na posição prevista em seu esquema original. Expliquei como pretendia organizar as peças maiores e mostrei por que precisava de um espaçamento um pouco diferente.

— Você tem razão — disse depois de examinar minha solução. — Para as suas peças, essa configuração será melhor.

— Pode repetir? Gostaria de gravar.

— Não exagere.

— É tão raro ouvir você dizer que estou certa.

— Você ouve isso com mais frequência do que se lembra.

Trabalhamos por mais alguns minutos. Quando terminamos, Mieczysław verificou as configurações do controlador, enquanto eu me certifiquei de que não havia nenhum objeto desnecessário dentro da câmara. Finalmente, ficamos diante do equipamento, ambos com a documentação nas mãos.

— Está pronta? — perguntou.

— Há meses.

— Estou perguntando sobre agora.

Olhei para ele. Já não havia distância profissional em sua voz. Notei o cansaço em seu rosto, mas também alguma coisa que lembrava satisfação. Aquele forno não era apenas mais um projeto para ele. Eu sabia que se importava em ver seu trabalho realmente servir a alguém. Conhecia minhas ambições, assim como eu conhecia seu apego às coisas bem-feitas.

— Agora também — respondi.

Ligamos o controlador. O visor se iluminou, mostrando os valores iniciais. Mieczysław acompanhava as indicações, enquanto eu observava o comportamento do equipamento. Não houve nenhum momento espetacular. Nenhum estrondo ou clarão impressionante. Apenas um sinal discreto do controlador e a primeira alteração de temperatura. Ainda

assim, tive a sensação de que acabara de fechar a porta de uma determinada fase da minha vida.

— Está funcionando — falei baixinho.

— Por enquanto, começou a funcionar. Para uma avaliação completa, precisamos esperar.

— Deixe-me aproveitar por um instante.

Ele se virou para mim. O sorriso que apareceu em seu rosto era tranquilo e sincero.

— Aproveite. Você merece.

Eu não esperava que aquelas palavras me proporcionassem tanto prazer. Ele não disse que havia feito um bom trabalho, nem tentou atribuir a si mesmo o mérito. Disse que eu merecia aquela alegria. Como se enxergasse em mim não apenas a pessoa que havia encomendado o forno e preparado o ateliê, mas uma mulher que vinha construindo algo próprio havia muito tempo.

Durante as horas seguintes, acompanhamos o andamento do teste. Nesse intervalo, tomamos café e comemos os sanduíches que eu havia trazido de casa. Mieczysław não reclamou da comida, embora uma vez tivesse confessado que não entendia como alguém podia chamar de café da manhã uma fatia de pão com queijo. Dessa vez, comeu duas e pediu uma terceira.

— Não vou ficar alimentando você toda vez que vier aqui — anunciei.

— Não precisa. Sei fazer meus próprios sanduíches.

— Eu sei. Já vi sua obra. Duas fatias de queijo e tanta pimenta que aquilo poderia ser usado como arma de defesa pessoal.

— Era uma versão experimental.

— Alguns experimentos deveriam permanecer no caderno de anotações.

Ele riu, e por um momento fiquei observando-o de lado. Conhecia aquele rosto havia anos. Sabia como ele ficava quando estava concentrado, irritado ou divertido. Também sabia que, quando escutava alguém, não interrompia apenas para acrescentar um comentário próprio. Mesmo assim, ultimamente eu começara a perceber nele detalhes que antes me pareciam absolutamente comuns. A maneira como sempre colocava a xícara no mesmo lugar. O fato de se lembrar de que eu não gostava de café muito doce. E o modo como, quando eu falava dos meus planos, nunca usava a palavra "um dia", como se acreditasse que as melhores coisas da minha vida ainda não tivessem ficado para trás.

À tarde, fizemos uma avaliação preliminar do funcionamento do controlador. Os resultados pareciam promissores, embora fosse necessário esperar o fim do ciclo e o resfriamento do equipamento para realizar uma análise completa. Mieczysław preparou suas anotações, e eu acrescentei minhas próprias observações sobre o posicionamento dos sensores.

— Amanhã podemos planejar o teste com os esmaltes — disse ele.

— Então, afinal?

— Não disse que não iríamos testá-los. Disse que não seria hoje.

— Você sempre precisa ter a última palavra?

— Não. Às vezes, basta que eu tenha a primeira.

Balancei a cabeça, mas não consegui conter o sorriso. Antes de sair, ele parou junto à mesa, onde as amostras ainda estavam espalhadas.

— Esta série é interessante — disse, apontando para uma das placas. — Especialmente esta, com a transição mais clara.

— Quero conseguir o efeito de uma pedra quente, mas sem uma superfície excessivamente lisa. Algumas superfícies deveriam parecer ter uma história própria.

— Entendo.

— De verdade?

— Nem tudo precisa ser perfeitamente uniforme para ter um bom projeto.

Olhei para ele. Por um instante, tive vontade de dizer alguma coisa que não tivesse absolutamente nenhuma relação com o trabalho. Perguntar se ele também sentia, às vezes, que havia adiado certas coisas por tempo demais. Se alguma vez pensava em como seria sua vida caso nem sempre tivesse escolhido o que parecia mais sensato. Não fiz isso. Em vez disso, entreguei-lhe a pasta com os resultados.

— Amanhã, às nove? — perguntei.

— Se for conveniente para você.

— É conveniente.

— Então até amanhã, Leokadia.

Pela primeira vez naquele dia, ele pronunciou meu nome sem o tom brincalhão de sempre. Respondi da mesma maneira.

Quando ele saiu, voltei à mesa e organizei a documentação. O forno estava funcionando de acordo com as expectativas, e meus planos para os dias seguintes continuavam válidos. Mesmo assim, eu sabia que alguma coisa havia mudado. Ainda não conseguia dar um nome àquela mudança, mas sabia que ela não era exclusivamente profissional.

Capítulo 2 - Entre o que é Nosso

No dia seguinte, ele chegou pontualmente. Dessa vez, não começamos com café nem com brincadeiras. Mieczysław colocou sobre a mesa uma impressão com o registro do primeiro ciclo e foi direto aos resultados. Durante a noite, havia analisado os dados do funcionamento do controlador, comparado as temperaturas com as medições de controle e preparado uma lista dos parâmetros que ainda precisavam ser verificados. Não parecia alguém que tivesse dormido pouco, embora eu o conhecesse o suficiente para saber que provavelmente era exatamente isso que havia acontecido.

— Você não precisava fazer isso durante a noite — falei, examinando o documento.

— Não fiz durante a noite. Fiz de manhã.

— A que horas?

— Não me lembro.

— Ou seja, bem cedo.

— Leokadia, não comece o dia controlando meu sono.

Ergueu a cabeça e me olhou por alguns instantes com uma expressão divertida. Eu havia repetido exatamente as palavras que ele usara na noite anterior. Naturalmente, percebeu, mas não tentou se defender.

— Está bem. Aceito a observação.

Passamos à análise dos resultados. As medições preliminares não indicavam nenhuma irregularidade grave, mas Mieczysław ainda queria verificar as diferenças de temperatura em alguns pontos da câmara. Concordei, desde

que não adiássemos o teste com os esmaltes sem um motivo concreto. Não pretendia permitir que um mês inteiro se passasse enquanto preparávamos tabelas e mais tabelas.

— Tenho uma proposta — disse ele quando terminamos de examinar os documentos. — Vamos fazer três queimas controladas. A primeira com amostras dos seus esmaltes, a segunda com peças pequenas e a terceira com elementos que você realmente pretende apresentar na galeria. Depois de cada uma, verificaremos os resultados e faremos os ajustes necessários.

— Três queimas. Quanto tempo isso significa?

— Se tudo correr de acordo com o planejado, cerca de duas semanas.

— E se não correr?

— Então saberemos o que precisa ser corrigido.

— Você não respondeu.

— Não posso garantir um prazo sem conhecer os resultados.

Fiquei olhando para ele por alguns instantes. Compreendi que não estava tentando me impedir de trabalhar. Queria evitar uma situação em que a pressa me obrigasse a aceitar um equipamento que não correspondesse às minhas expectativas. Por outro lado, eu não pretendia entregar a ele o controle total do processo. Aquele era meu ateliê, minhas economias e minha coleção. Eu tinha o direito de decidir quais riscos estava disposta a assumir.

— Concordo com as três queimas — disse. — Mas vamos estabelecer as datas com antecedência. Você não vai adiá-las só porque encontrou mais um parâmetro para verificar.

— E você não vai colocar peças na câmara sem definirmos juntos as configurações.

— Quanto aos primeiros testes, de acordo. Depois quero utilizar o forno por conta própria.

— Claro.

— E não quero que tome decisões sobre minhas peças quando eu não estiver presente.

— Não pretendo fazer isso.

— Mesmo que considere que eu faria alguma coisa de maneira diferente daquilo que deveria ser feito segundo as suas regras.

— Leokadia, eu projeto fornos. Não a sua vida.

Ele disse aquilo com tranquilidade, sem ironia. Justamente por isso, não respondi imediatamente. Durante anos, conheci pessoas que declaravam respeitar minha independência, mas depois tentavam me explicar como eu deveria administrar o ateliê, quanto deveria trabalhar e quando deveria considerar que já era suficiente. Mieczysław nunca havia se comportado daquela maneira, mas eu queria ter certeza de que nossa colaboração não mudaria esse princípio.

— Está bem — disse finalmente. — Então temos um acordo.

Ele estendeu a mão, como se tivéssemos acabado de assinar um contrato importante. Apertei-a. Sua mão era quente e firme, e o gesto durou uma fração de segundo a mais do que exigia uma formalidade comum. Não retirei a minha imediatamente, mas também não fiz nada que pudesse ser interpretado como um convite para algo além

daquilo. Mieczysław tampouco tentou prolongar o momento. Simplesmente soltou minha mão e voltou aos documentos.

— Mais uma coisa — disse. — Preciso da lista dos esmaltes e das temperaturas em que você costuma trabalhar. Gostaria de preparar uma tabela para os próximos testes.

— Você a receberá hoje à noite.

— Não precisa se apressar.

— Minhas anotações já estão prontas.

— É claro que estão.

Ele sorriu como se tivesse acabado de se lembrar de algo que sabia sobre mim havia muito tempo. Não comentei. Em vez disso, comecei a preparar as amostras. Escolhíamos os materiais juntos, embora cada um de nós prestasse atenção a detalhes diferentes. Mieczysław se interessava principalmente pelo comportamento do material em determinadas condições. Eu observava a cor, a textura e a maneira como o esmalte combinaria com a forma da peça.

Em uma das amostras, ele demorou um pouco mais.

— Esta pode causar problemas.

— Por quê?

— Tem uma composição bastante complexa. Não gostaria que começássemos por ela.

— Conheço esse esmalte há anos.

— Eu sei. Não estou dizendo que você não será capaz de controlá-lo. Só estou dizendo que, para o primeiro teste, escolheria algo mais simples.

— Você sempre escolhe o caminho mais seguro?